



EDUCAÇÃO E LIVRO DIDÁTICO: UMA ANÁLISE DO ENSINO DE HISTÓRIA DO 6º AO 9º ANO

Renan Mosege Araújo Lima (PG)* renanaraujo100@hotmail.com

Kelsse Pereira Borges (PG) Coautora kelsseueg@gmail.com

Universidade Estadual de Goiás – UEG Câmpus Uruaçu

Resumo: este artigo tem como objetivo analisar o livro didático de história e demonstrar que ele funciona como um instrumento ideológico do Estado, obrigando os estudantes, do ensino fundamental segunda parte, a entenderem a História com respostas já pré-estabelecidas, inibindo, assim, a possibilidade de pesquisa e de rompimento com ele. Desta maneira, este trabalho faz uma crítica ao livro didático de História, 6º - 9º, História: Sociedade e Cidadania de Alfredo Boulos. Neste é realizado uma reflexão sobre as possibilidades de educação que se possa ter para os estudantes, não somente de história, abordando assim a totalidade dos mesmos, que possibilite uma melhor qualidade de educação e, concluo, sobre que tipo de educação poderia substituir a atual, no sentido de fazer uma discussão apontando para um tipo de ensino onde não se precise transformar o livro didático como mediador do conhecimento, nem mesmo como um instrumento ideológico, e se realmente precisa deste livro didático numa educação distinta da do modo de produção capitalista.

Palavras-chaves: educação; capitalismo; livro didático; ideologia.

Introdução

Este trabalho tem como objetivo fazer uma análise da educação no capitalismo, sendo que, faz uma crítica ao livro didático de história, dizendo que o mesmo é um instrumento ideológico, um meio de repressão educacional, em outras palavras, este artigo visa mostrar que o livro didático, História: Sociedade e Cidadania de Alfredo Boulos, é uma ferramenta do Estado que controla a ação do professor em sala de aula, pois, já traz uma compreensão de determinado assunto em uma forma acabada, não dando, nem permitindo, com que se tenha uma pesquisa e reflexão sobre a história.

Este trabalho é dividido em três partes: a primeira falarei sobre Educação No Capitalismo: o ensino básico, onde apresento de forma sintética como se desenvolve a educação no modo de produção capitalista, tendo como foco o 6º - 9º. Na segunda parte, apresento Livro Didático Como Mediador Do Conhecimento



Histórico. Nesta, será apresentado o movimento histórico do livro didático, desde sua criação até o seu uso na disciplina de História. Na terceira parte, Livro Didático e Educação no Capitalismo, estarei analisando a fonte e demonstrando que a mesma é um instrumento ideológico de controle do Estado, pois, o mesmo, organiza o material de apoio do professor para fazer com que não se tenha nem tempo, por causa das cargas horárias extensas, ou espaço, para se promover atividades de pesquisa e reflexão históricas que rompe com o livro.

Por fim, nas Considerações Finais, faço uma reflexão sobre as possibilidades de educação que se possa ter para os estudantes, não somente de história, abordando assim a totalidade dos mesmos, que possibilite uma melhor qualidade de educação e, concludo, sobre que tipo de educação poderia substituir a atual, no sentido de fazer uma discussão apontando para um tipo de ensino onde não se precise transformar o livro didático como mediador do conhecimento, nem mesmo como um instrumento ideológico, e se realmente precisa deste livro didático numa educação distinta da do modo de produção capitalista.

Resultados e Discussão

Educação No Capitalismo: o ensino básico

Pensar a educação não é simples, principalmente quando se fala em uma educação às crianças e adolescentes, pois, as mesmas são as responsáveis por dar continuidade à sociedade, são essas crianças, que mais tarde serão adultas, continuaram na existência humana, porquanto, o mediador deste desde seu nascimento para que saiba onde está e qual é o sentido de sua existência é a educação.

A primeira forma de educação que a criança terá é na família, com a transmissão de valores e da cultura familiar, uma transmissão que acontece de geração em geração. Após, a criança é inserida na escola, ou pré-escola, a partir de seus seis anos de idade. Os primeiros passos dela é aprender a ler, escrever e interpretar.

No modo de produção capitalista, e em todos os outros modos de produção anteriores a ele, existe uma educação específica conforme apresenta Viana (2015),



desta maneira, no modo de produção capitalista também terá uma educação específica, nas palavras do autor,

Cada sociedade é específica, bem como as formas como seus elementos constituídos existem no seu interior. Dessa forma, a sociedade escravista é radicalmente diferente da sociedade capitalista, bem como a sociedade despótica (antigo oriente próximo) da sociedade feudal. Da mesma maneira, os seus elementos constitutivos são distintos, mesmo que existam em ambos os casos. [...] O [...] modo de educação, que em cada sociedade assume características específicas e distintas das demais formas que assume em outras sociedades (p. 321-2).

Sendo assim, conforme a afirmação de Viana (2015), demonstrando que existe um tipo de educação específico no capitalismo, nesta parte, farei uma interpretação, de forma sintética, de como é e como se desenvolve a educação no modo de produção capitalista, considerando o ensino básico.

Para compreender educação no capitalismo, especificamente o ensino básico, vamos entender, primeiramente, a definição do conceito de educação. Segundo Abbagnano (2007), educação é,

[...] a transmissão e o aprendizado das técnicas culturais, que são as técnicas de uso, produção e comportamento, mediante as quais um grupo de homens é capaz de satisfazer suas necessidades, proteger-se contra a hostilidade do ambiente físico e biológico e trabalhar em conjunto, de modo mais ou menos ordenado e pacífico [...] uma sociedade humana não pode sobreviver se sua cultura não é transmitida de geração para geração; as modalidades ou formas de realizar ou garantir essa transmissão chamam-se educação (p. 305-6).

Compreende-se assim, que a educação é uma forma de transmissão de comportamentos em sociedade, que tem como função transmitir a cultura e os valores de geração em geração, sendo distinto, tanto quanto em diferentes modos de produção, quando nas classes sociais que a mesma sociedade se compõe. Como o foco aqui é o capitalismo e, o mesmo, tem como classes fundamentais para sua existência: o proletariado e a burguesia. Sendo assim, existe um tipo de educação distinto para cada classe.

O proletariado, a classe operária, tem uma educação totalmente distinta da burguesa. Isto se dá por fins sociais e econômicos: o filho do proletário, muitas vezes, deve trabalhar para poder ajudar em casa, não tendo tempo para se dedicar aos estudos; diferente do filho do burguês que não precisa trabalhar e pode se dedicar exclusivamente para este fim, que é o estudo. Assim, bem como tem



maiores oportunidades de conhecer lugares históricos, à cultura, museus, livros científicos ou literaturas que lhe proporcionam maiores aptidões.

E se percebe que este movimento é contínuo, pois, conseqüentemente o mesmo acontecerá com as gerações seguintes. Porquanto, não se medem os esforços de muitos trabalhadores para proporcionar aos seus filhos com que estudem, algo que foi bem perceptível durante o estágio. A questão que fica é: esses, anteriormente filhos de proletários, que se inserem tanto na burguesia quanto em suas classes auxiliares podem se tornar conservadores tanto quanto os que já estavam, quanto podem se tornar lutadores contra a própria classe, partindo, assim, de uma perspectiva revolucionária a partir do proletariado, da luta de classes.

Livro Didático como Mediador do Conhecimento Histórico

Nesta parte estarei abordando sobre o surgimento do livro didático no Brasil, pontuando sobre em que contexto histórico o mesmo surge e qual o objetivo com o mesmo, ou seja, que tipo de cultura e valores ele está carregando para ser transmitidos para os estudantes, pois, ele funciona como um “guia” do professor. Desta forma, buscarei responder as seguintes questões: quando surge e qual o objetivo deste material didático e se o mesmo, como mediador do conhecimento, limita ou não as ações do professor em sala de aula.

Segundo Witzel (2002), a proposta do livro didático (LD) surge no Brasil na década de 30, com “uma política educacional consciente, progressista, com pretensões democráticas e aspirando a um embasamento científico (p. 11 apud. FREITAG, 1993, p. 12). A autora ainda afirma que o mesmo, LD, é entendido como “o livro adotado na escola, destinado ao ensino, cuja proposta deve obedecer aos programas curriculares escolares” (p. 11), e acrescenta,

Com o intento de regulamentar uma política nacional do livro didático [...] criou a Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD) marcando, assim, a primeira iniciativa governamental nessa área de política educacional. Cabia a tal comissão, dentre outras responsabilidades, examinar, avaliar e julgar os livros didáticos, concedendo ou não autorização para o seu uso nas escolas. É importante lembrar que a CNLD foi criada no período do Estado Novo, isto é, em um momento político autoritário, bastante marcante e polêmico, que buscava garantir, sobretudo, a Unidade/Identidade Nacional (p. 12).



Ou seja, desde seu surgimento, o LD é ao todo avaliado e examinado para responder as exigências do estado e, é perceptível, que se o estado está com todo este critério, o mesmo exerce todo um domínio sobre o que estará sendo ensinado em sala de aula. Witzel apresenta também que os professores não participam desta escolha, não mediam e nem mesmo argumenta sobre o mesmo.

Livro Didático e Educação no Capitalismo

Compreendendo o que é o LD e o que é, e como acontece, a educação no capitalismo, nesta parte estarei apresentando se o mesmo é um instrumento ideológico de controle educacional do estado, fazendo que: tanto o professor não consiga ter tempo para desenvolver atividades diferentes durante o ano letivo, que rompe com o material didático oferecido pelo Estado; quanto faz com que os alunos fiquem presos e crédulos que o que está presente no LD é a verdade absoluta e que não se tem como romper.

É evidente que o estudante, o ser humano em si, precise desenvolver suas habilidades cognitivas, ou seja, desenvolva um conhecimento a partir de suas experiências sociais, políticas e culturais; na escola é onde ele, o estudante, dar os primeiros passos, após a educação familiar, para essa educação. Sendo que nem sempre é possível, por causa da classe em que o indivíduo está inserido, que o mesmo tenha condições que desenvolver-se.

Considerações Finais

Conclui-se com essa pesquisa que o LD é um material que o Estado se utiliza para fazer com que os estudantes acreditem em um tipo de verdade e, além de limitar a compressão e outros pontos de vista além do dos vencedores, faz com que o professor se limite seu trabalho, pois, com as cargas horárias exacerbadas, faz com que não tenha tempo para a formação própria.

É importante perceber que o LD pode servir como uma forma levar um determinado tipo de material didático para estudantes que não tem a possibilidade de possuir ou obter livros que complementassem seu aprendizado, porquanto, a intenção é de fazer com que os mesmos acreditem em algo pronto e acabado, com



que não desenvolva uma reflexão sobre a sua própria formação e nem com que desenvolva pesquisas que rompe com o está inserido no LD.

É importante também, refletir um pouco sobre um tipo de material didático que poderia substituir o LD. A questão é, não existe uma necessidade de acabar com sua existência, mas sim, de promover com que se tenha um ensino que desenvolva todas as faculdades de aprendizado dos estudantes.

Agradecimentos

Para ser um bom pesquisador, não é apenas ler determinados textos ou mesmo ter boas orientações ou somente estudar em uma universidade de qualidade. É necessário a complementação de todas essas questões específicas e, obviamente, o interesse particular do estudante que, cotidianamente, forma-se como um pesquisador.

Neste sentido, gostaria de agradecer novamente as orientações do Prof. PhD. Edmilson Ferreira Marques (UEG – Câmpus Uruaçu), que está sempre presente ajudando o máximo possível e indicando leituras fundamentais. Agradecer também a Universidade Estadual de Goiás – UEG, por proporcionar e permitir novamente a apresentação desta pesquisa.

Referências

BATISTA, Amanda Penalva. **Uma Análise da Relação Professor e o Livro Didático**. 65 f. Graduação em Pedagogia do Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia. Salvador, 2011.

FRISON, Marli Dallagnol; VIANNA, Jaqueline; CHAVES, Jéssica Mello e BERNARDI, Fernanda Naimann. **Livro Didático Como Instrumento de Apoio Para Construção de Propostas de Ensino de Ciências Naturais**. Florianópolis: VII Enepec, 2009.
MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã: teses sobre Feuerbach**. São Paulo: Centauro, 2002.

SANTOS, Cibele Mendes Curto dos. **O Livro Didático do Ensino Fundamental: as escolhas do professor**, 2007, 236 f. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2007



SANTOS, Vanessa dos Anjos dos e MARTINS, Liziane. **A Importância do Livro Didático**. Candombá – Revista Virtual, v. 7, n. 1, p. 20-33, jan – dez, 2011.

SILVA, Luzia Batista de Oliveira; PADILHA, Anna Maria Lunardi e VIANA, Nildo. **A Educação na Perspectiva do Marxismo e da Escola de Frankfurt: Teoria Crítica e Humanismo**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2015.

VIANA, Nildo. **Estado, Democracia e Cidadania. A Dinâmica da Política Institucional no Capitalismo**. Rio de Janeiro, Achiamé, 2003.

VIANA, Nildo; VIEIRA, Renato (org). **Educação, Cultura e Sociedade: Abordagens Críticas da Escola**. Goiânia: Edições Germinal, 2002.

WITZEL, Denise Gabriel. **Identidade e Livro Didático: movimento identitários do professor de Língua Portuguesa**, 2002. 171 f. Mestrado em Linguística Aplicada, Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Maringá, PR, 2002.